

WACHOVICZ, Lilian Anna. **O Método Dialético na Didática**. Campinas, Papyrus, 1991.

*Luiz Renato Vieira**

O livro de Lilian A. Wachovicz está estruturado em três capítulos. O primeiro, "A questão do método: pressupostos teóricos", procura fazer uma revisão de uma questão filosófica fundamental: o problema do método do conhecimento. A intenção básica deste capítulo consiste em analisar a "evolução do conhecimento ocidental", chegando à dialética materialista, com a qual procura a autora fundamentar a concepção de educação como "práxis social".

O segundo capítulo, intitulado "A questão educacional: socialização do saber", está dividida em duas partes: "Educação, escola e classes sociais" e "A educação escolar no Brasil". Na primeira, procurando apoiar-se na concepção marxista de sociedade e de mudança social, a autora traça relações entre o sistema educacional, seus condicionamentos de classe e o Estado. São resgatados, nessa interpretação, basicamente Marx e Gramsci. Este pela importância que atribui à superestrutura no processo de superação do capitalismo, processo no qual a escola ocupa lugar especial, e Marx, no sentido de se recuperarem os fundamentos da dialética materialista. A segunda parte do capítulo II ressalta características da recente história da educação no Brasil. Neste sentido é destacado o papel do Estado no tocante à educação, assumindo configurações que vão do autoritarismo ao liberalismo.

No terceiro capítulo, "A questão didática: o saber fazer na escola", a autora procura caracterizar o método didático como decorrência da elaboração teórica da lógica dialética, retomando os principais autores que trataram da questão educacional numa perspectiva crítica, desde o início da década de 70. Após considerações teóricas sobre o método histórico e dialético, a autora discute o cotidiano na sala de aula, enfocando principalmente a relação professor-aluno. Assim questiona o fato de estarem desvinculadas a teoria e a prática, mesmo nas chamadas "pedagogias progressistas". Conclui-se o capítulo com uma referência da relação da esfera da educação com a "infra-estrutura", onde ocorrem os processos fundamentais da sociedade.

O livro está em grande parte voltado para a crítica das "metodologias formais" que tradicionalmente estão associadas à didática. Sem dúvida, a negação do formalismo de determinadas metodologias gera atitudes que muitas vezes jogam fora a criança junto com a água suja da banheira. A prática pedagógica - como qualquer atividade que lida com saberes coletivamente constituídos, portanto envoltos em relações de poder que permeiam toda a

* Professor de Sociologia da Universidade Federal de Uberlândia.

sociedade - é fruto de complexas articulações, não podendo ser compreendida nos termos simples da oposição saber progressista/saber conservador. O livro se apóia em oposições deste tipo, muitas vezes supervalorizando os aspectos metodológicos na definição do papel ideológico do saber, afirmando, por exemplo, que "Não é o conteúdo do saber, mas o meio pelo qual este é transmitido, que vai reelaborá-lo, transformando-o em saber conservador ou progressista" (:12).

No primeiro capítulo a autora pretende fazer uma ampla revisão do pensamento filosófico, do ponto de vista da concepção do método de conhecimento, procurando demonstrar que "(...) houve uma dicotomia nas concepções fundamentais da realidade, desde Aristóteles, no século IV A.C. (...) até o século XIX, quando o método dialético foi estruturado para uma abordagem histórica e crítica da realidade". (:23).

Assim, procura percorrer uma longa série de autores, com o objetivo de chegar à contraposição idealismo/materialismo. Enquanto o idealismo, em sua versão cristã ou laica (Kant), entende o homem integrado a uma instância superior ao mundo físico, o materialismo clássico destaca o imperativo da natureza sobre a existência humana. O ser real do homem é parte da natureza concreta e se expressa nas formas de organização social.

Desta distinção, a autora parte para uma outra: do materialismo clássico no século XIX derivam o positivismo e o materialismo histórico-dialético. Assim, implementa uma análise mais detida da dialética em Hegel e centra o estudo na versão marxista da dialética. É neste sentido que a didática é entendida aqui como a busca das determinações da educação e o esforço de construção de uma teoria fundada numa crítica das múltiplas determinações do real.

A concepção dialética da educação se afasta tanto da crença iluminista-liberal no irrestrito poder emancipador da escola ("otimismo pedagógico"), como também das teorias que negam qualquer poder crítico da instituição educacional, como o reprodutivismo de Bourdieu e Passeron.

Ao desenvolver a questão da introdução do componente de classe social na problemática educacional, a autora recorre principalmente a Gramsci. Este autor afirma a necessidade de reforçar os instrumentos da classe trabalhadora não só no âmbito de sua organização econômica, mas sobretudo no plano da superestrutura. Faz-se necessário criar uma nova cultura, fundada na prática das classes trabalhadoras para entrar em choque com as concepções dominantes e constituir uma nova hegemonia.

Com base nesta concepção, a autora implementa uma análise da educação brasileira. O eixo da investigação é o distanciamento da sociedade como um todo das decisões na área educacional. O Estado, aqui entendido como instrumento das classes dominantes, normatiza e implementa a educação conforme esses interesses. A ampliação do sistema educacional brasileiro

seguiu a lógica da industrialização, integrando-se a um projeto de desenvolvimento em que a educação era vista como fator de capacitação de "capital humano", gerando maior produtividade.

A metodologia que decorre da lógica dialética se diferencia tanto da pedagogia tradicional, pois esta estava apoiada em critérios puramente lógicos, referentes sobretudo ao domínio do conteúdo, quanto da pedagogia nova, que levou ao extremo a bio-psicologização do processo de ensino. O método didático deve partir da identificação dos problemas colocados na vida social e de uma instrumentalização com referenciais teóricos capazes de explicitá-los e de propor alternativas.

Ao analisar o cotidiano das salas de aula a autora percebe um grande distanciamento entre a teoria e a prática. As pesquisas realizadas com professores, visando captar sua representação sobre as metodologias utilizadas (ou que deveriam ser utilizadas) em sala de aula demonstraram um profundo desconhecimento em relação aos métodos mais fundamentados. Para a autora isso pode representar uma reação às metodologias apresentadas nos cursos de formação de professores. O mesmo percebe Wachovicz em alguns depoimentos em que professores se insurgem contra as pedagogias progressistas, nos casos em que estas se prendem a categorias pré-fixadas e modelos genéricos.

Acreditamos ser equivocado confundir o despreparo do professor com uma manifestação de resistência a concepções educacionais descoladas da prática. A atividade do professor é por excelência intelectual, e o questionamento tem, por dever de coerência, que ocorrer no plano da crítica fundamentada, não na simples negação, o que não implica em afirmar que não seja verdadeiro o problema do distanciamento teoria-prática apontado pela autora. Interpretaríamos os depoimentos citados como índices dos problemas que afligem toda a educação brasileira.

Um dos principais méritos do livro consiste, sem dúvida, na insistência (que não é original, mas continua válida) na questão da dissociação entre teoria e prática na atividade pedagógica. Outro ponto importante é a busca de um **background** filosófico que sustente uma proposta que tem procurado se apresentar como alternativa, no campo da educação.

As diversas temáticas apresentadas no livro (a questão filosófica do método do conhecimento, a compreensão da realidade para o materialismo histórico, a relação educação/política, a educação brasileira e a questão didática) apresentam problemas de articulação, como não poderia deixar de acontecer devido à extensão do leque de problemáticas que procuram abarcar.

Na realidade, embora a dialética como questão filosófica e de teoria do conhecimento apareça na discussão do primeiro capítulo, e no segundo seja apresentada rapidamente a concepção de educação para o marxismo (mais

especificamente na leitura de Gramsci), somente no final do livro é que são discutidas suas implicações no campo da didática.

É necessário observar que a adoção do referencial marxista parece implicar, no caso do livro de Wachovicz, em uma certa "apologia da prática". Ora, se é necessário lutar para que os conteúdos e as metodologias de ensino estejam fundados na realidade concreta, não é menos verdade que só um cuidadoso esforço de teorização é capaz de converter essa experiência em um ponto de partida para uma prática pedagógica efetivamente transformadora. Enquanto simplesmente enraizada na realidade, nada garante que a pedagogia possa exercer um papel revolucionário. Ao contrário, é mais adequado esperar conseqüências conservadoras e até reacionárias dessas práticas. A crítica das ideologias presentes nos conteúdos e nas práticas educacionais, e no papel de seus "aparelhos" não pode gerar uma apologia da prática e, o que é pior, do não-saber como alternativa à dominação.

Por fim, convém ressaltar que, nas poucas páginas em que a autora se detém estritamente na questão do método dialético na didática, pouco se pode extrair para a execução de um programa pedagógico verdadeiramente crítico, além de discussões relativamente bem fundamentadas sobre a concepção de educação e suas relações com o âmbito da política. Mas isso não é suficiente, e, apesar de ir além dos lugares-comuns sobre a educação que têm proliferado no ambiente acadêmico brasileiro nas últimas décadas, insiste no discurso que interpreta o professor como o artífice de uma nova realidade, aquele que, por sua prática, aprendeu a ver o mundo diferentemente e, assim, possui os instrumentos para transformá-lo. Ora, sabemos que o professor é, ele próprio, produto dessa estrutura, estando igualmente sujeito a seus condicionamentos dentro dos limites de sua relativa autonomia.

O Método Dialético na Didática de Lilian Anna Wachovicz registra o esforço de uma disciplina marcada pelo tecnicismo que procura rever sua prática a partir do resgate de uma fundamentação histórico-filosófica, com todas as dificuldades e conflitos inerentes a essa trajetória.